

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – 1º PRÊMIO LÉLIA
GONZALEZ**

CANDIDATO: DANRLEI DE OLIVEIRA MOREIRA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB.
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.**

**CÊS ACHARAM QUE EU IA MORRER CEDO? – NARRATIVAS E
PROJETOS DE VIDA DE JOVENS HOMENS NEGROS EM CACHOEIRA- BA.**

ORIENTADOR: OSMUNDO SANTOS DE ARAÚJO PINHO

LINK LATTES DO CANDIDATO: <http://lattes.cnpq.br/8040001899914823>

LINK LATTES ORIENTADOR: <http://lattes.cnpq.br/7943108749679220>

RESUMO

O objetivo geral desse artigo, é discutir resultados da investigação que buscou compreender ou entender como projetam suas vidas dentro de um cenário de morte estabelecido por um contexto Antinegro, jovens homens negros de 15 a 29 anos¹, *crias*² da Rua da Feira, o maior e mais populoso bairro periférico de Cachoeira, cidade reconhecida mundialmente, através de seus títulos de “Cidade Monumento Nacional” e “Heroica” concedidos pelo Iphan. Vivenciando em suas trajetórias inúmeros modos de necropolíticas aplicadas pelo Estado de forma direta e indireta, traduzidas de operações policiais em “combate” a criminalidade ou “guerra ao tráfico”, que nos últimos anos tem só aumentado dentro das comunidades mais carentes do município. (VARGAS, 2016; MBEMBE 2018).

PALAVRAS CHAVE: PROJETOS DE VIDA, HOMENS NEGROS, CACHOEIRA, ANTINEGRITUDE, NECROPOLÍTICA, MORTE.

INTRODUÇÃO

Discutimos no TCC que deu origem a esse artigo como três jovens homens negros e suas mães³, moradores (as) do bairro Rua da Feira, na cidade de Cachoeira – BA, tem projetado e articulado suas vidas e trajetórias dentro de um lugar assolado por *padrões mórbidos de governamentalidade*, construindo nesse mesmo espaço projetos de vida coletivos, transformadores e engajados dentro desse contexto de vida e morte (ALVES, 2010; VARGAS, 2016).

Inicialmente trarei as noções de Antinegritude⁴ e Necropolítica⁵ para uma perspectiva cachoeirana, a partir dos dados apresentados sobre a relação do município com os seus bairros periféricos, com ênfase na Rua da Feira, bairro escolhido como lócus representante da pesquisa. Uso o mesmo termo “*Cachoeira Cidade Heroica*” como

1 A escolha da faixa etária é baseado nos dados do Ipea, onde os jovens de 15 a 29 anos são os maiores alvos de morte por arma de fogo.

2 Gíria que identifica o morador do bairro, significa que nasceu naquele local.

3 Apesar da pesquisa falar sobre três jovens e suas mães, uso apenas a fala de um deles e de um das mães, por questão de organização e tamanho do artigo.

4 Vargas define Antinegritude como a impossibilidade de existência do sujeito negro na formação nacional, ou seja a relação irreconciliável entre o homem negro e o mundo, o âmbito social da maioria negra é estipulado pela negação aos membros de comunidades negras das diásporas, o direito de sobreviver plenamente como cidadãos ou seres humanos. (VARGAS 2016).

5 O Filósofo camaronês Achille Mbembe (2003) elucida como Necropolítica a expressão máxima de soberania, ordenada pelo Estado em traçar e definir quem morre e quem vive, no exato momento em que o mesmo representado por seus governantes e principais lideranças nacionais, que são quem tem o controle dos mecanismos de violência quiserem, mostrando que o estado soberano não so define quem morre, mas como e quando morre.

subtópico justamente para simbolizar a ironia que tem sido esse heroísmo para as quebradas cachoeiranas, que têm vivido em estado de exceção por meio de necropolíticas aplicadas pelo Estado traduzido de operações policiais em combate, guerra ao tráfico, como no sucateamento do saneamento básico.

CACHOEIRA, CIDADE HEROICA

Carregando os títulos de “Cidade Heroica e Monumento Nacional⁶” (instituída pelo Decreto Presidencial nº 68.045, de 18 de janeiro de 1971), títulos ganhos por conta seu contexto histórico-político e ao seu riquíssimo conjunto arquitetônico herdados do século XVIII e XIX, Cachoeira viveu nessa época seu ápice econômico, claro, diante do contexto do regime escravagista, ecoando seu lugar como um centro urbano portuário com inúmeras atividades comerciais intensas (NASCIMENTO, 2010).

Porém, mesmo com todos esses títulos merecidamente ganhos por sua história, o lugar tem sido um espaço gerador de morte para jovens negros. Com o poder cultural que tem, se esperava que as oportunidades de possíveis projetos de vida fossem muitas, mas pelo contrário nos últimos anos o quadro de violência só tem aumentado, principalmente dentro das favelas, onde acontece a maioria dos crimes violentos, seja por participação direta do Estado com agentes fardados dispostos a matar qualquer um que pareça suspeito ou pela falta dele com políticas de assistência e inclusão social (MBEMBE, 2003; VARGAS, 2016; ALVES 2011).

Fred Aganju Ferreira (2020), em sua tese de doutoramento, elaborou através das mídias sensacionalistas, que sempre acabam falando sobre esses casos de violência que são ignorados pelos órgãos responsáveis pela construção e compartilhamento dessas informações, um banco de dados⁷ inédito sobre as taxas de mortalidades de Cachoeira e

⁶ A cidade de Cachoeira possui uma população atualmente aproximadamente de 35 Mil habitantes em uma extensão de 395 quilômetros quadrados. Está localizada as margens do Rio Paraguaçu, no Recôncavo da Bahia, ficando a 120 km da Capital Salvador, vale destacar que a cidade foi tombada pelo Iphan em 1971, por reunir um rico e importante Patrimônio arquitetônico colonial.

⁷ De acordo o mesmo portal de tabelamento estatístico – o Deepask – Cachoeira também teve aumentos substanciais na ordem de mortes violentas intencionais, de modo que, se em 2001 uma pessoa foi assassinada anualmente na cidade, anos depois em 2013, esse número aumentou radicalmente atingindo a cifra de 13 pessoas assassinadas em um ano, fazendo com que a cidade tivesse uma taxa de homicídio de cerca de 27, 96 óbitos por 100 mil habitantes, superando a média nacional que era na época 26, 99 óbitos/100 mil habitantes (FERREIRA, 2020, p. 124).

São Félix- BA, com averiguação minuciosa a respeito de como masculinidades negras tem sido alvejada de maneira brutal com porcentagem maior que grandes metrópoles, ao mesmo tempo que são “invisíveis” para um sistema que se quer contabilizam as mortes que vem acontecendo como assassinatos (VARGAS, 2016).

Advindo da percepção de que o genocídio não é somente físico, mas também cultural e social (FLAUSINA,2014), é importante salientar que Cachoeira sofre com inúmeros aspectos de desigualdade provida pelo próprio Estado por insuficiência de políticas públicas efetivas que assistam a população mais vulnerável, como vemos nos dados do IBGE, 55% dos cidadãos tem renda per capita inferior a metade de um salário mínimo e famílias inteiras seguem com um índice ainda mais assustador de 38% com faturamento de entre meio e dois salários mínimos, enquanto em 2016 apenas 3.600 pessoas ocupam trabalhos formais (NASCIMENTO, 1978; FERREIRA, 2020).

Quadro 1: Número de homicídios em Cachoeira – BA (2010 a 2013)

Ano	Cachoeira – Ba
2013	13 óbitos
2012	13 óbitos
2011	4 óbitos
2010	4 óbitos

Podemos constatar um aumento de quase 200%⁸ em menos de 3 anos na taxa de mortalidade da pequena Cachoeira (FERREIRA, 2010). Fez-se necessário apresentar essa base numérica sobre a historicidade da taxa de homicídios de Cachoeira, todos cometidos por armas de fogo, para trazer a contextualização de quem é a cidade heroica para além dessa visão utópica que se constrói em cima de uma farsa, já que a mesma tem sido fonte de morte para pessoas negras através de um sucateamento social e do uso da violência física que na maioria das vezes é aplicada pelo próprio Estado, colocando as periferias de Cachoeira no que Mbembe define como *estado permanente de exceção* (MBEMBE, 2003; 2018).

⁸Ainda segundo o portal Deepask, no ano de 2013, 11 pessoas foram assassinadas por arma de fogo em Cachoeira-Ba, ou seja, 84,62% dos assassinatos da cidade foram cometidos por disparos de armas de fogo, fazendo com que a cidade alcançasse a cifra de 32, 12 óbitos por arma de fogo a cada 100 mil habitantes. Nesse mesmo período São Félix-BA teve dois óbitos por arma de fogo no ano de 2013, de maneira que 40% dos homicídios da cidade eram cometidos por arma de fogo (AGANJU, 2020).

São bairros como o Viradouro, Cucuí de Brito, Cucuí de São Cosme, Cucuí de Caboclo, Ladeira Manoel Vitorino, Três bocas, Linha Velha, Vila 25 de Junho, 135, Varre Estrada, Rosarinho, Caquende, e tantas outras comunidades que compõem o “cinturão da morte”, onde a maioria das pessoas – a grande maioria negras – estão sendo assassinadas por arma de fogo em Cachoeira-BA e São Félix-BA (FERREIRA, 2020, p.129)

Mesmo sendo *cria* da *Rua do Brega*⁹, ao invés de escolher minha *quebrada*, quero indicar o bairro Rua Da Feira como um espaço historicamente compilado por segregações raciais dentro do contexto urbano de Cachoeira, podendo identificar características antinegras e de necropolítica, através da brutalidade policial e a exclusão racial- social¹⁰ que o bairro sofre do centro da cidade.

Em questionários aplicados durante uma pesquisa no Bairro investigado¹¹, Santos (2009) com a intenção de obter informações sobre renda, escolaridade, situação de moradia, rede de esgoto e rede elétrica, equipamentos de lazer, avaliação pública e com nível de satisfação de morar no bairro habitado, com intuito de subsidiar análises sobre o desenvolvimento e crescimento do bairro mostram qual o estado social de precariedade que o bairro se encontra, destacando os dados de escolaridade em que só 38% tem o segundo grau completo e 23, 75% não tem nenhum rendimento mensal.

A escolha do subtítulo “*Cachoeira, cidade heroica*” não é necessariamente uma homenagem a cidade na qual eu nasci, me criei e ainda vivo, mas sim um modo sarcástico e irônico para chamar atenção para um visão completamente heterogênea ao sentido de heroísmo, o título que Cachoeira recebe de heroica, ironicamente a pouco tempo foi escolhido como nome de batismo de uma operação do Estado em prol do combate a ameaças sofridas pela atual prefeita, alegando ser uma operação de busca e apreensão pelos suspeitos de ameaças políticas, por ela ser a primeira mulher preta a ser prefeita da

9 Neste sentido, grupos e indivíduos que foram historicamente estigmatizados e excluídos de um modelo de sociedade que preconizava os ideais de civilidade e modernidade, foram perdendo espaço para as novas redes de sociabilidades que faziam parte da política pós-abolicionista. Por conta disso, as áreas em que existiam casas de prostituição foram se deslocando de forma mais intensa para a Rua 7 de setembro e Travessa Tavares (SIQUEIRA, 2017, p. 80).

¹⁰ O genocídio de fato constitui-se como um sustentáculo, a base de onde variadas esferas de manifestações de negritude que definam as diásporas são construídas, tendo em foco o terror racial (e.g. GILROY, 1993; MBEMBE, 2018).

¹¹ A bairro denominado Rua da feira faz parte de uma periferia que tanto se encontra distante do centro da cidade como apresenta condições precárias de vida, a sua localização na divisa com o distrito capoeiruçu, ao norte do município nas proximidades da BR 101, constitui uma paisagem denunciado das condições de vida da maioria da população (...) A ausência de rede de esgoto, coleta de lixo, rede de eletricidade e de equipamentos de lazer são os mais evidentes. Além disso, observa que a maioria da população não possui fonte de renda e que as condições de moradias são precárias, motivando os jovens ficarem pela rua, aumentando as condições de vulnerabilidade (SANTOS, M, 2009, p. 18).

nossa cidade.¹² Foram reservados 200 policiais para esse trabalho que aconteceu apenas nas favelas da cidade heroica, policiais fortemente armados invadiram casas de possíveis “mandantes” (moradores), não havendo sequer um nome de algum político acusado tendo suas casas invadidas ou sendo chamado para depor, o que me fez “castelar¹³ que heroísmo é esse, que mata seus próprios cidadãos.

A letalidade da força policial que vitimiza negros periféricos em Cachoeira, o terror psicológico da pobreza, a inércia governamental no auxílio para as pessoas mais necessitadas de assistência social, todas estas violações de direito como já definidos são políticas de morte engendradas pela ausência do estado brasileiro, ou por sua presença como poder regulador de vida e morte, digamos que Cachoeira está no que o filósofo camaronês Mbembe define como estado de Sitío¹⁴.

Todas essas são formas de necropolítica antinegras presentes em Cachoeira, a capacidade de estabelecer parâmetro os em que a submissão da vida pela morte está legitimada na região, não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos, não deixando apenas morrer (MBEMBE,2003; ALVES, 2011). O racismo em todo seu paroxismo pela supremacia branca, tem nos obrigado a conviver em situação de exploração e desgraça (PINHO, 2015), sendo sempre desenhado e redesenhado como um problema social, a partir sempre de uma nova reformulação de mecanismos violentos de coercitividade e controle racial de corpos (VARGAS, 2016).

Posso dizer que aqui em Cachoeira não é diferente de toda formação social que é pensada a partir de uma ótica branca sobre o corpo do outro, da pessoa preta, que é estipulada por categorias de raça, gênero e sexualidade, tendo como característica principal a violência estrutural e gratuita, sendo assim posicionados e localizados na imersão da antinegitude. (VARGAS, 2010; VARGAS, 2016).

12 Disponível em: < Operação Cidade Heroica cumpre mandados em Cachoeira no combate ao tráfico https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/operacao-cidade-heroica-cumpr-mandados-em-cachoeira-no-combate-ao-trafico/?utm_source=correio24h_share_whatsapp > Acesso em: 22 de Março de 2021

13 Gíria ou dialeto local que significa refletir, pensar, raciocinar

14O estado de sitio é ele mesmo uma instituição militar. Ele permite uma modalidade de matança que não distingue entre inimigo externo e o interno. Populações inteiras são alvos de soberania. As vilas e cidades sitiadas são isoladas e cortadas fora do mundo. A vida cotidiana é militarizada. É dada aos comandantes militares locais a liberdade de usar a discricção sobre quando e em quem atirar (MBEMBE, 2003, p. 18).

VIDA E MORTE: PROJETOS DE VIDAS¹⁵, CAMPO DE POSSIBILIDADES; POTENCIAL DE METAMORFOSE E NEGOCIAÇÃO DOS *PARCEIROS*.

Produzir projetos individuais de vida em uma cidade que tem instaurada nas suas veias um projeto macro de exclusão e extermínio antinegro do seu próprio povo nativo realmente é uma missão vital. Se no Brasil a cada 100 pessoas que morrem por armas de fogo 73 são negras, em Cachoeira não tem sido diferente, com taxas de mortalidade mais altas que de grandes cidades, com níveis de pobreza e sucateamento básico altíssimos, a cidade “heroica” tem sido uma grande ironia simbólica do que se esperava de um município histórico e com uma cultura negra tão rica (IPEA, 2017; FERREIRA, 2020).

Sendo o conceito de campo de possibilidades¹⁶ fundamental para compreensão da maneira pela qual os projetos de jovens homens pretos têm se movimentado ao longo de uma trajetória de vida, não necessariamente em uma cronologia coerente, pude observar o potencial de metamorfose do homem preto Cachoeirano aqui representado pelo bairro investigado¹⁷, que vive em campos de morte instaurados nas favelas.

É explícito que na localidade existem projetos delimitadores de vida aplicados pelo Estado antinegro em formas de necropolítica e para compreender isso é preciso bem mais que categorias analíticas comuns em trabalhos das ciências sociais (MBEMBE, 2018). O homem negro passa por inúmeros processos de vida e morte em muito pouco tempo, justamente por terem suas vidas estabelecidas como as mais curtas, sem terem tempo as vezes nem de iniciar seus sonhos e planos que começam por sua vez em suas mães, que são na maioria das vezes as mais presentes durante o processo de vida de homens pretos (IPEA, 2017).

15 O indivíduo traça seus projetos individuais influenciado por projetos coletivos, de grupos, de instituições e de organizações. Os projetos coletivos, assim como os individuais, não são homogêneos, devido às diferentes significações que cada indivíduo dá a eles, e da mesma forma os projetos individuais são influenciados pelos projetos coletivos, existindo também o movimento reverso, significando que ambas podem suceder ao processo de metamorfose, tanto o indivíduo, quanto as instituições podem mudar seus projetos e trajetórias dentro de um jogo de negociação (BARLEY, 1989; VELHO, 2003).

16 Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (Velho, 2003, p. 28).

17 G. DeLuca, S. Rocha-de-Oliveira, C. D. Chiesa (2016) trazem a definição do campo de possibilidades como um rol de alternativas apresentado ao indivíduo a partir de processos socio-historicamente mais amplos, que não podem ser considerados estáticos, mesmo sendo dado, passando pelo potencial interpretativo da sociedade e ressignificações em diferentes contextos.

Estou trabalhando com pessoas, logo estou lidando com vidas¹⁸, para além da suas identidades de homem negro e o bairro de quebrada, a violência não se mostra única nas suas vivências quando parei pra *castelar* com Hamster¹⁹, Broa²⁰, Parma²¹ e duas das mães de dois deles sobre quem eles são e o lugar em que eles vivem, afinal são pessoas com obrigações familiares, sentem prazer para além da dor, são amados, amam e criam laços de solidariedade fazendo parte de uma rede de relações criadas e mantidas na comunidade (ALVES, 2016).

Quando perguntei a *Marinalva* que me recebeu em sua casa, na Linha Velha²² sobre como era criar seus filhos na Rua da Feira, tive uma resposta²³ totalmente diferente do que se vinha ouvindo nas conversas com os rapazes, denotando a importância empírica em ouvir essas mães também para entender as questões apresentadas nesse trabalho:

(...) Oh, não só na Rua da Feira, mas no mundo todo hoje ninguém tá escape a passar esse tipo de situação, porque a violência, como hoje mesmo tava até conversando com um rapaz que antigamente era tudo diferente, hoje as coisas tá mais avançada. Hoje os jovens entra nesse meio, quer exibir, quer mostrar que tá nesse meio, entendeu, quer mostrar que tá nesse meio e antigamente era mais oculto. E hoje pra se criar um filho nesse meio é uma luta, uma dificuldade mesmo porque as vezes, não é desmerecendo os outros, mas as vezes seus filhos nem é de fazer aquilo, mas pelo fato de andar junto já fica mal visto. Hoje os jovens se ele for negro e o cabelo for grande é mal visto, se tiver tatuagem é mal visto. E é uma situação difícil porque o preconceito ainda existe. O preconceito tanto na cor como tatuagem, cabelo... e se for negro é bem mal visto mesmo. Então, pra criar um filho hoje nesse mundo, nessa situação é muito difícil mesmo (...)

O crescimento exponencial da violência, da criminalidade organizada, das execuções sumárias, e da atmosfera de insegurança e medo (Correio da Bahia, 2018) aparece como um elemento histórico dentro do contexto cultural de Cachoeira, conformando o enigma apontado por Christen Smith (2016) para Salvador, que envolve a conjugação paradoxal e tensa entre celebração da cultura negra e de suas tradições com o massacre efetivo de corpos negros pelo racismo e pela violência, mesmo Cachoeira sendo um cidade pequena de interior, os níveis de violências envolvendo o crime são tão

¹⁸ Por mais que a morte seja colocada com um fato social fundante na Rua da Feira quando se trabalha analisando apenas dados, ela não é e nem pode ser a definição da experiência do homem negro.

¹⁹ Nome fictício, destacando que todos são em homenagem aos parceiros mortos violentamente.

²⁰ Nome fictício.

²¹ Nomes fictícios.

²² Rua em frente à Delegacia, e uma das mais estigmatizadas do bairro.

²³ O relato em questão é feito pela mãe de *Hamster*, *Marinalva*²³ me recebeu em sua casa junto a seu filho, na linha velha, talvez a rua mais “badalada” do bairro, tendo em vista que só conseguir entrevistar duas mães, pois a mãe de *Broa* não mora aqui, ele mora só com sua esposa e mãe de seu filho, e a mãe de Parma, *Dona Maria*, por ser mais tímida, me deu respostas mais curtas.

presentes e eficazes na destruição de corpos negros quanto nas grandes metrópoles, transformando seus campos de possibilidades em sua maioria em campos de mortes (MBEMBE, 2018). Isso fica evidente em mais uma parte do meu diálogo com *Marinalva*²⁴, antes da demonstração dos projetos atuais dos *parceiros*, buscando primeiro deixar claro quais são os possíveis projetos dentro do contexto em que vivem, e quais são os projetos pessoais de cada um:

Eu – (...) Eu queria saber exatamente porque a pesquisa não é só os jovens, é também sobre o lugar, tá na visão, é o lugar que tem a única delegacia da cidade, é o lugar que a gente sabe que é um dos mais populosos da cidade e por isso, tá ligado, acaba acontecendo certos tipos de exclusão social, tanto da parte do centro, como a senhora falou do preconceito por tatuagens e tal. E é exatamente sobre isso o porquê que eu falei no caso da Rua da Feira. A senhora mora aqui tem quanto tempo já?

Marinalva – (...) Hoje os jovens tá infiltrado nesse meio, entendeu, que é um meio que mãe nenhuma, pai nenhum quer e pra te falar a verdade, aqui na Rua da Feira mesmo a maioria dos jovens todos é infiltrado nesse meio. E eu sei que mãe e pai nenhum queria que seu filho vivesse nessa situação, porque se a gente fosse escolher o que a gente queria pra nosso filho a gente queria coisas boas, porque pai e mãe nenhuma quer ver o filho nesse meio, entendeu (...) O que eu acho na verdade é que os jovens tá faltando oportunidade, porque aqui mesmo em Cachoeira era pra ter mais empregos, era pra ter cursos, era pra ter... como que fala a palavra certa é, é... educação. Coisas pra ocupar mais a mente dos jovens, então os jovens hoje que não tem essa oportunidade, a mente fica vazia então se infiltra nesse meio, entendeu. Quer se infiltrar nesse meio por falta de oportunidade, porque se tivesse algo pra ocupar a mente pra poder se ocupar mais eu tenho certeza que eles não entrariam nesse meio.

²⁴As falas das mães são de suma importância nesse trabalho para nós que somos de quebrada, por sermos os maiores alvos de violência letal quase nunca temos nossos pais presentes durante a nossa criação seja por abandono ou também pelas questões de violência apresentadas no decorrer do trabalho, nossas mães se tornam alicerces de nossos projetos individuais e coletivos, recebendo uma grande carga “negativa” justamente por ficarem sobrecarregadas de ocuparem esse lugar que na maioria das vezes é romantizado por uma visão sociológica racista herdada do racismo biológico de que mulheres negras são fortes e por isso aguentam mais dor (NZUMBI, 2011).

Na fala de *Marinalva* fica bastante evidente a relação que ela faz entre a falta de oportunidades e a entrada dos jovens no “mundo das drogas”, inclusive a rejeição que ela faz o tempo todo para esse lugar ligado as drogas, que na fala de *Marinalva* fica ainda mais gritante, quando ela diz que praticamente todos os jovens da Rua da Feira, são ligados ao crime. Cachoeira mesmo como toda sua história de títulos, não consegue ou não quer produzir meios de vida que possam oferecer aos jovens, oportunidades de crescerem socialmente, sendo o crime um aliciador natural do bairro, tornando-se assim um dos campos mais presentes durante as trajetórias construídas dentro do bairro (SMITH, 2016). Fica nítido que o crime tem sido um espaço de sociabilidade²⁵ para jovens marginalizados, em sua maioria negros, qualquer correria²⁶ se torna possível, quando não se tem acessos a meios formais de produção.

Chegamos agora na próxima e última entrevista, não menos importante, nessa fase do diálogo estamos ainda na Linha Velha, em frente a uma biqueira de drogas. Além dos *parceiros*²⁷ pesquisados, temos a presença de outros rapazes que observam calados a nossa conversa, enquanto acedem um baseado de maconha, olhando fixamente para mim quando peço a eles que me digam seus projetos, como se eu pudesse realizá-los:

HAMSTER: Eu já acho assim, que tipo, nos planos de vida mesmo é tipo assim ó, é... é o que eu tô colocando na mente esses tempo que é “fique rico, ou morra tentando”, tá ligado, por conta de quê? O objetivo é dá uma casa a minha velha, tá ligado, porque tipo, nós que vem da comunidade assim, nós tem vários obstáculos na vida, né mano, tá ligado?! E por conta disso aí, tipo a porta de emprego mesmo, tá ligado, porque parece que são cabeças selecionadas né véi (...) tipo assim, até um som mesmo, um *rap*, daí o cara já castela o que? Lá pra frente fortalecer uma casa pra velha, tá ligado, porque esse tempo todo...

25 Por mais que essa associação entre a falta de oportunidades e o acesso ao crime seja algo indiscutível, existem outros fatores que são de suma importância para entender o contexto em que ele se instaura dentro das quebradas, afinal hoje embora o crime seja ilegal, obvio, a normalização de inserção nele se dá por um processo sedutor quase que globalizante, a grande quantidade de jovens inseridos nesse âmbito não só demonstra a ineficiência do Estado a nível Nacional, mas enfatiza como o crime tem seduzido nossa juventude a partir de um processo de modernização (SMITH, 2016).

26 Trabalhadores “informais”

27 Nome dado para os colegas e amigos dentro das quebradas. Ou também nome dado para os *parceiros* do corre, principalmente para manter o nome reservado, nunca se sabe quem está por perto.

EU: Então você acha que vai ficar barão com o *rap*?

HAMSTER: De alguma forma. Como eu falei “fique rico ou morra tentando!” (Risos) Se no *rap* não der certo, o cara já corre pra outra parada, mas o cara vai morrer tentando. Mas o foco é o *rap*, tá ligado?

Ao contextualizar como os parceiros desenvolvem seu Potencial *de metamorfose*²⁸ e *Negociação*²⁹, duas categorias analíticas importantes a partir dos estudos de Carreira de Gilberto Velho (2003), que usei para a interpretação do contexto social em que os meus interlocutores tem produzido suas vidas e na identificação do processo de mudanças sociais, (sejam elas quais forem) que podem acontecer durante a trajetória de cada um mesmo em um bairro com inúmeras problemáticas como a Rua da Feira, veremos agora finalmente quais são e como estão os projetos atuais da juventude masculina negra de Cachoeira representada por esses 3 jovens homens negros, mesmo trazendo aqui as falas de só um deles e uma das mães.

As possibilidades visualizadas por *Broa*, *Parma* e *Hamster* durante sua trajetória são negociadas por eles entre aquilo que é dado objetivamente e aquilo que é interpretado subjetivamente. A partir do potencial de metamorfose eles conseguirão transitar entre diferentes mundos sociais ou fronteiras simbólicas como o *crime* e o *rap*, desse transito emerge o processo de negociação, no qual eles ao traçarem seus projetos, podendo negociar com as diferenças contempladas, singularizando suas escolhas e metamorfoseando suas trajetórias, ainda que limitadas pelas objetividades da realidade antinegra das quebradas de Cachoeira³⁰.

28 O *potencial de metamorfose* (Velho, 2003) é o trânsito frequente por entre províncias de significados “implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna”.

29 O fenômeno de negociação da realidade, que pressupõe a diferença como elemento constitutivo. Esta diferença, contudo, está inserida em um contexto de significados compartilhados, de modo que a heterogeneidade que se revela na negociação da realidade não é considerada um estraçalhamento do indivíduo, mas uma característica do social a partir da cultura. Em outras palavras, a rede de significados (Geertz, 2008) não exclui diferenças, mas vive delas.

30 O indivíduo, portanto, circula por diferentes mundos e tem um trânsito mais ou menos facilitado devido ao seu potencial de metamorfose. Vivendo ou não dilemas e conflitos, esse indivíduo negocia a realidade, metamorfoseando a si e aos projetos ao longo de sua trajetória – e tudo isso podendo ser percebido frente a projetos individuais como projetos coletivos. Assim sendo, cumpre observar não a escolha isolada do indivíduo, mas seu processo para chegar até lá; percurso este que pode contemplar não apenas outros indivíduos, mas também instituições – entendendo-as como parte dos aspectos objetivos do real (G. DELUCA, S. ROCHA, C. D. CHIESA, 2016. p.46).

Como já dito pelos rapazes entrevistados, o hip-hop chegou até eles através de alguns Rappers de sua *quebrada* e também o Baile Pelo Certo³¹ o agente com maior influência na relação de construção das identidades artísticas dos *parceiros*, que para além de todo o contexto político envolvido, sonha também em serem reconhecidos como artistas famosos e conseguir recursos para cumprir seus planos. E o rap segundo eles, é a chave para que isso aconteça em Cachoeira, seja como campo de possibilidade ou como projeto, entendemos a articulação que esse elemento político e musical tem dentro das trajetórias individuais e coletivas dos *parceiros* (CONCEIÇÃO, 2019).

Além de ser uma possível nova identidade, o rap aparece como válvula de escape de uma *caminhada* já traçada objetivamente pelo Estado Antinegro. Se a criminalidade nas vozes das mães aparece com ênfase, na voz dos *parceiros* o rap aparece como esse caminho reverso, que vem através deles e dos movimentos comunitários feitos pelo Cine do Povo³² se estabelecendo como meio de sociabilidade tanto para eles e outras pessoas negras e até não negras dentro do bairro que eles cresceram, passando por inúmeros tipos de desigualdades e atentados de morte por meio da violência perpetuada pelo Estado (CONCEIÇÃO, 2019).

Das (1995) nos mostra que as representações culturais não são completamente gravadas no eu, por mais que o eu do homem negro seja construído por paradigmas culturais dominantes, se o contexto cultural mudar, o homem negro e também outros atores no seu mundo social como é o caso das mães podem evocar uma definição diferente da construção subjetiva de masculinidades negra. Ou seja, a partir do momento que o rap chegou nas vidas destes jovens, o contexto social que é desenhado para o bairro e eles mudaram a partir de seus projetos e podem continuar mudando em jogos de negociação de realidade que os *parceiros* tem feito e poderão fazer.

Cada *parceiro* foi direto nas suas questões com o rap, como disse *Hamster*, “o rap é um modo de vida”, e é assim que pensei naquele momento, tanto o eu Mc como o eu intelectual negro têm uma missão engajada que não pertence somente a ele, parafraseando Fanon (1972) em *Os Condenados da Terra* “Cada Geração deve numa relativa opacidade descobrir sua missão, executá-la ou traí-la”.

31 Baile de rap, promovido do Cine do Povo, dentro das comunidades e espaços da universidade.

32 Instituição comunitária composta por alunos e ex alunos da UFRB junto a moradores de bairro marginalizados em Cachoeira.

CONCLUSÃO:

Com as palavras de Broa “*mas a perspectiva de vida é vencer no rap, vencer na música, ser músico...*”, as mudanças começam a aparecer nas falas, não somente nas narrativas individuais, mas também no contexto coletivo em que eles estão inseridos, as mesmas trajetórias marcadas por inúmeras violências, que viam no trauma o incentivo para buscar meios de sobrevivência dentre os que são oferecidos na Rua da Feira, por meio do rap e do trabalho comunitário esses jovens tem transformado seu lugar de nascimento, que tem sido até então um campo de morte, em um lugar possível de projetos de vida para pessoas negras.

Os parceiros têm usado o rap como instrumento de negociação a partir do potencial de metamorfose de cada um, em uma realidade social já colocada como dada para homens pretos a partir de mazelas sociais estabelecidas pelo Estado brasileiro. O rap aparece nas narrativas como um ponto de transição entre os mundos, mas também um novo ponto de partida, os mesmos jovens que sofreram e sofre múltiplas violências aplicadas em forma de necropolíticas, estão usando o rap como meio de transformar seu contexto em inspiração para novas reconstruções subjetivas deles e da Rua da Feira, produzindo vida social tanto para eles, quanto para a sua comunidade (VELHO, 2003, DAS, 1995).

É notório que os projetos dos parceiros para suas comunidades são muito mais abrangentes do que o do próprio governo do Estado, que está muito mais preocupado com o controle de corpos, do que com a produção de vida dos sujeitos que se encontram em *quebradas* negras (MBEMBE, 2018). Três Jovens de um dos bairros mais mortíferos do mundo para uma pessoa negra do sexo masculino, unindo seus projetos individuais em prol de uma causa coletiva: reconstruir o bairro deles que outrora era um lugar de lazer e hoje um campo de guerra, em um lugar que não seja mais um produtor de morte e sim, de vida, onde sonhos e realizações aconteçam na vida das pessoas da comunidade antes da violência física projetada pelo Estado os alcançarem (MBEMBE, 2018; FERREIRA, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, J. A. **‘Inimigo Público: A imaginação branca, o terror racial e a construção da masculinidade negra em “Cidade de Deus”**, In - Antinegritude: o impossível sujeito

negro na formação social brasileira/ organizado por Osmundo Pinho, João H. Costa Vargas – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

ALVES, J. A. "**A Sombra da Morte: Violência policial em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador**". In: Brasil Análise & Dados. ISSN: 0103-8117 v.20, fasc.04, p.563 - 578, 2010.

BARLEY, S. R. (1989). **Carreiras, identidades e instituições: o legado da Escola de Sociologia de Chicago**. Em M. B. Arthur, D. T. Hall, & B. S. Lawrence (Eds.), Handbook of career theory (pp. 41-65). Cambridge: Cambridge University Press.

CONCEIÇÃO. Felipe Ramos. **Perspectivas Acerca de uma estratégia de enfrentamento ao genocídio no interior da Bahia: O Movimento Hip Hop em Cachoeira no contexto da Antinegitude**. Monografia, UFRB, ano; 2019.

CORREIO DA BAHIA. Cachoeira vive onda de violência “Todo mundo quer ir cedo para casa.” Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cachoeira-vive-onda-de-violencia-todo-mundo-quer-ir-cedo-pra-casa/>> Acesso em: 16 de Setembro de 2021.

DAS, Veena. 1995. **Eventos Críticos: Uma Perspectiva Antropológica na Índia Contemporânea**. New Delhi: Oxford University Press.

DELUCA, G. ROCHA, S. CHIESA, C. D. **Projeto e Metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras**. In: Associação nacional de pos graduação e pesquisa em administração.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência / Paul Gilroy**. Tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2ª edição). 432 p.

HUGHES, E. C. “**O escritório institucional e a pessoa**”. In: American Journal of Sociology, 43 (3), 404-413. doi: 10.1086 / 217711 (1937).

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Trad. José Lourênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FLAUZINA, Ana. “**As fronteiras faciais do genocídio**”, In – Direito. UnB, janeiro – v. 01, n.01, pgs. 119–146, junho de 2014

FERREIRA, Fred. **“MAAFA: POLÍTICAS DE MORTE NO CONTEXTO DA GUERRA RACIAL DE ALTA INTENSIDADE NA BAHIA CONTEMPORÂNEA”**

Programa de Pós-graduação em estudos étnicos e africanos. 2020.

IPEA. **Atlas da Violência no Brasil**. IPEA e FBSP, 2017.

MBEMBE, A. **Necropolitca. Cultura publica**, Baltimore, v 15, n,1, 2003.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de exceção, Política da morte**. Traduzido por Renata Santini – São Paulo: n.1 edições, 2018.

NASCIMENTO, L. C. Bitedô - **onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé Jêje-Nagô no recôncavo baiano**. 1. edição; Rio de Janeiro, 2010. Uma publicação do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP.

NZUMBI, Lio. - **A continuidade do Genocídio Negro através da política criminal da SSPBA. Mães de Maio**; 2011. Fundo Brasil Direitos Humanos.

PINHO, O. **“O círculo da morte e o materialismo estético”**. Em < <https://www.geledes.org.br/o-circulo-da-morte-e-o-materialismo-estetico/> > Acesso em: 2015.

SANTOS, M. C. **Turismo e ambiente costeiro. Análise comparativa entre o Recôncavo Baiano e a região centro de Portugal**. Coimbra, C. U, 2009.

SIQUEIRA, T. G. **“Uma história de cabeluda: mulher, mãe e cafetina”**. In: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento. 2017.

SMITH, Christen A. **Afro-Paradise – Blackness, Violence and Performance in Brazil**. University of Illinois Press. Chicago. 2016.

VARGAS, J. H. C. **“Desidentificação”: A lógica de Exclusão Antinegra no Brasil**. In - Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira/ organizado por Osmundo Pinho, João H. Costa Vargas – Cruz das Almas: EDUFRB ; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016

VELHO, G. (2003). **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas** (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed